

“Quantos mortos o FMI quer?”, pergunta Pratini

por Walter Dlogo
do Rio

“Não se pode levar a sério a política de combate à inflação do Brasil.” O comentário do presidente da Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior (Funcex), deputado Marcus Vinícius Pratini de Moraes (PDS-RS), foi feito ontem, na Escola Superior de Guerra, quando criticou severamente a política econômica do governo, frisando que “um país que tem quinze moedas em vigor para reajustar todos os preços não quer combater seriamente a inflação”.

“O Brasil tem a ORTN, o INPC, para reajustar salário, a UPC para a área de habitação, o maior valor de referência, uma coluna x da FGV para os contratos do governo para compra de bens de capital, o índice do custo de vida do Rio de Janeiro, uma coluna especial para reajustar a dívida do governo com empreiteiros, o índice da construção civil, a correção cambial, o dólar paralelo, o dólar de libramento, etc. É óbvio que não se quer derrubar a inflação”, comentou, com ironia.

Pratini de Moraes disse que é preciso fazer uma reforma geral no sistema financeiro e desindexar toda

a economia para combater a inflação e afirmou que a atual política “está inviabilizando, também, o sistema de livre empresa”.

DÍVIDA

Com relação à dívida externa, Pratini de Moraes defendeu uma negociação política direta com os Estados Unidos, observando que a solução depende apenas de “o País voltar a aprender a fazer conta simples, para saber quanto recebe e quanto pode gastar”. Segundo ele, “o que está ocorrendo, hoje, no Brasil, é a distribuição da pobreza, pois o brasileiro ficou 14% mais pobre em quatro anos”. Ele frisou que esse processo de empobrecimento do País é inaceitável e insustentável politicamente por muitos anos.

“Quando a República Dominicana adotou o programa do FMI, morreram 54 pessoas no primeiro dia. Eu estava nos Estados Unidos e perguntei ao senhor La Rosière (diretor geral do FMI): ‘Quantos mortos o senhor ainda precisa para saber que este processo é inviável na América Latina e no Brasil?’ A pergunta daquela hora continua a ser válida agora. Quantos mortos o FMI está querendo?”, indagou.